

GDF se arma contra invasão

Alan Marques

ENTREVISTA/SWEDENBERGER BARBOSA

O GDF teme que setores radicais do comando da greve dos professores obstruam o eixo monumental e invadam o Palácio do Buriti, durante a assembléia de terça-feira. Avisado do ataque inimigo, o Governo preparou uma contra-ofensiva. A ordem dentro do Governo é dar o troco no mesmo nível, seja na guerra publicitária ou no confronto direto. "Vamos colocar a opinião pública frente a frente com esses radicais, que levan-

ram a categoria a uma aventura", adiantou o secretário de Governo, Swedenberger Barbosa, para quem a paralisação está sendo alimentada por dois grupos antagônicos: PSTU e PMDB, classificados por ele de extremistas de esquerda e de direita. Ex-integrante da corrente petista Força Socialista, hoje militando no grupo dos independentes, o secretário admite, nessa entrevista, que a greve é uma pedra no meio do caminho do GDF.

ANA DUBEUX

Quem está ganhando com a greve?

— A greve prejudica a população em geral, sobretudo, as crianças; prejudica a imagem do sindicato; e do partido hegemônico do Governo, que é o PT. Até porque o PT tem tido uma postura de não se omitir no processo da greve, próprio de quem lidera uma Frente. Numa greve como esta não há vencedores.

Que partidos estão se omitindo?

— A greve interfere diretamente na imagem do GDF, no momento em que o Governo amplia sua relação com a população, através de atividades como o projeto do Governo nas ruas e a retomada das obras do metrô. E que tenta construir uma maioria necessária na Câmara Legislativa.

A greve é a pedra no meio do caminho do GDF?

— Sem dúvida. É uma greve que interfere nesse processo todo.

A greve coloca em xeque algumas questões: a postura de cada uma das partes envolvidas no conflito. O GDF tem procurado ter uma relação de respeito com o movimento sindical. Não há qualquer política de desmolarização ou de destruição da organização dos trabalhadores, em especial, de um sindicato como o Sinpro, que sempre esteve ao lado da luta popular. Mas esta postura política esbarra num problema concreto que é a situação financeira.

Final, há ou não dinheiro em caixa?

— A verdade é uma só: a nossa situação financeira impede que se dê qualquer novo aumento para os professores. É preciso dizer que essa categoria teve, por ser uma das áreas prioritárias do GDF, aumentos médios superiores à inflação do ano passado. O pessoal da administração direta, por exemplo, não teve qualquer reajuste ainda.

O Sinpro se acha dono do GDF por liderar a categoria que toca o projeto número um do Executivo?

— Eu diria que essa é uma seara difícil de entrar porque dentro do Sinpro há visões muito distintas. Mas esta é certamente uma das visões que se tem, onde as demandas históricas de anos e anos devam ser corrigidas rapidamente e quase em caráter exclusivista. Há uma outra mais grave, porque a primeira é, no máximo exacerbação corporativista, que é papel de cada sindicato. A outra é perigosa, porque tenta colocar o GDF como um fabricante de mentiras. Não admitimos isto.

O GDF vai endurecer ainda mais com o Sinpro?

— Se tem alguém mentindo e enganando a categoria, neste momento, é a liderança sindical dos professores, que tem a coragem de dizer que o GDF dispõe de dinheiro e é intransigente. Mentirosos são eles.

Esse grupo apoiou o Governo. O que houve agora, está em campanha ou aderiu a um novo campo político?

— Fazer um diagnóstico sobre as disputas internas do sindicato é

complicado e delicado. Mas posso assegurar que uma das partes que, surpreendentemente, no movimento adquiriu uma força superior à que sempre teve é a parte integrante de um partido político (PSTU), que é claramente contra nosso projeto. E aí surge uma coisa antiga que é a unidade dos extremos: a extrema direita com a extrema esquerda.

Os extremos contra o GDF?

— O grupo é formado por representantes do PSTU, e parcela do próprio PT e do PC do B que creditam na saída através de alguma resposta financeira, porque levaram a categoria a uma aventura, tentando estabelecer como verdade que o GDF tem recursos. E agora percebem que a volta está muito difícil.

É difícil imaginar um partido pequeno como o PSTU fazendo um estrago desses. Não é mais lógico acreditar na insatisfação das bases do PT, que acham que o Governo está distante?

— Insatisfação da militância do PT e de outros

partidos da Frente sempre existe. O principal é o fato de haver uma política deliberada de enganar a categoria e estabelecer a disputa interna no sindicato com ressonância para uma futura disputa na CUT.

Este segmento reclama da agressividade do GDF nos informes publicitários. O Governo não está exagerando?

— Em absoluto. O GDF foi achincalhado por essa direção do sindicato. Foi chamado de mentiroso. Não admitimos a suspeição sobre os recursos públicos que ele coordena. Não podemos ficar calados, apenas ouvindo de algumas lideranças sindicais inconsequentes e irresponsáveis discursos desse tipo.

De quem partiu a idéia de radicalizar, de endurecer nos informes publicitários?

— Do Governo. Foi uma discussão feita no âmbito do Governo. Não dá para colocar em xeque um projeto como este por conta de meia duzia de radicais.

Além da guerra da propaganda, o GDF vai tomar alguma medida severa em relação aos grevistas?

— No encontro com a comissão de conciliação, o GDF topou uma das propostas para que as partes parassem a guerra na mídia. Topamos desde que acertemos qual a última peça que vai ao ar, que dia e hora. Não vamos ficar calados se provocarem de novo.

O GDF vai suspender salários dos grevistas?

— Há essa determinação de não pagar a antecipação de 30%. Regionais como Sobradinho e Planaltina que se recusam a passar a lista de frequência terão cortes integrais. Já na Ceilândia, vai depender dos dados que serão entregues. Quanto à

ilegalidade não há posição tomada.

O Sinpro está banalizando o direito de greve?

— Não sei se está banalizando, mas há dados interessantes. Em 1994, no último ano do Governo Joaquim Roriz, um governo que desprezou a categoria, o Sinpro não fez um único dia de greve. Já no nosso Governo, onde a expectativa é maior, o sindicato já fez duas greves.

Não há oportunismo dos sindicatos por este ser um Governo do PT?

— Exagero talvez. Oportunismo não. A expectativa de um governo de esquerda é maior, porque se sabe que este governo não adotará nenhuma medida repressiva e, além do que, se espera que as reivindicações sejam atendidas rapidamente. Vivemos aqui o que a prefeita Luiza Erundina sofreu em São Paulo. Paulo Maluf assumiu demitiu e privatizou e não houve nenhuma reação.

É mais fácil se afirmar num governo de esquerda?

— Estamos aqui diante de um sindicato (aponta para o acampamento do Sindireta em frente ao Buriti) construído por pelegos, ligados ao ex-governador Roriz, que hoje fazem discursos radicais. Esses são os oportunistas, e não o movimento combativo.

Mas movimento combativo, em contrapartida, obstrui pistas?

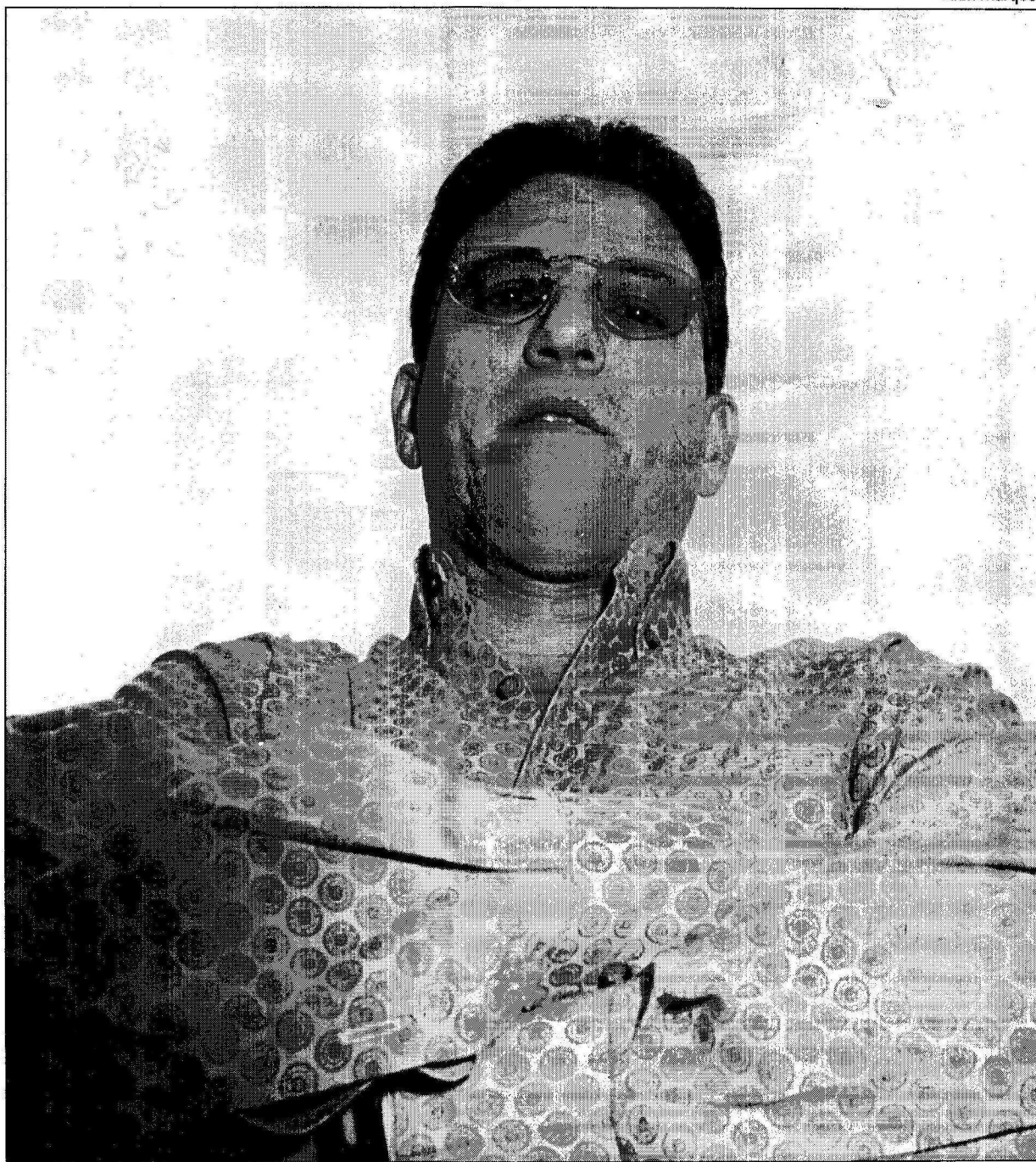
— Esse é outro exagero. Outro ato de desespero de algumas lideranças do Sinpro. Temos fortes indícios de que a assembléia de terça-feira, em frente ao Buriti, tem o objetivo de fechar a pista do Eixo Monumental e invadir o palácio. Invadir a sala do secretário de Educação ou do governador. A população não vai concordar com isto. Alguns setores que trabalham com esta perspectiva o fazem para tentar obter uma manchete nos jornais na qual haja confronto entre GDF e trabalhadores.

A ordem será mantida? Isto é terrorismo de esquerda?

— O GDF não vai dar a manchete que eles querem. Se os grupos mais radicais vierem para o Palácio com o intuito de invasão e quebra-quebra, vamos chamar a imprensa e a opinião pública para assistir e responsabilizar os culpados e, a partir daí, há toda uma legislação para enquadrar os autores dessas ações. É desespero com extremismo. Essas ações depõem contra o movimento.

O GDF tenta construir maioria na Câmara, mas a bancada do PT está rachada. Não é uma contradição?

— Tivemos importantes vitórias no plenário no ano passado. Isto se deveu a competência da bancada do Governo para fazer as articulações necessárias. As vitórias da oposição foram todas no tapetão. Do ponto de vista do PT, a bancada tem se reunido muito com o Governo. Os problemas da bancada estão sendo equacionados. O PT não é um partido que se sujeite ao domínio de caciques.



O secretário Swedenberger Barbosa garante que se os grevistas radicalizarem o governo também vai endurecer

"Temos fortes indícios de que a assembléia de 3ª tem objetivo de fechar a pista e invadir palácio."